

A DIVISÃO DO TRABALHO E A GESTÃO DAS EMOÇÕES E CUIDADO

MARIA CECÍLIA DURAN²³

ANDREA BUTTO²⁴

RESUMO

Este artigo realiza uma revisão literária, com base em pesquisa bibliográfica, sobre a conexão entre as emoções e o trabalho de cuidado, examinando como essas dimensões têm sido historicamente associadas a questões da divisão sexual do trabalho. A análise adota uma perspectiva interdisciplinar, incorporando contribuições da economia feminista e da antropologia da emoção para compreender a naturalização do cuidado como uma extensão dos papéis de gênero tradicionalmente atribuídos às mulheres. A economia feminista é utilizada para explorar a desvalorização e construção econômica e social do trabalho de cuidado, enquanto a antropologia da emoção investiga como os sentimentos são culturalmente moldados e instrumentalizados nesse contexto. Por meio de uma abordagem crítica, o artigo contribui para o debate sobre a revalorização do trabalho de cuidado para além da esfera econômica e a existência de papéis de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho de cuidado; Emoções; Divisão Sexual do Trabalho; Gestão Emocional.

ABSTRACT

This article intends to make a literary revision based on bibliographic research about the connection between the emotions and the care work/labor, studying how these dimensions have been historically molded by the sexual division of labor. The analyse adopts an interdisciplinary view, bodying the contributions of feminist economy and emotions anthropology to understand the naturalization of care as an extension of gender roles traditionally inserted to women. The Feminist economy is used to explore the devaluation and economic and social creation of the care labor, meanwhile the emotions anthropology researches how feelings are culturally molded and instrumentalized in this social context. Through a critical analysis, the article contributes to a debate about revaluation of care labor beyond the economic sphere and the existence of gender roles.

KEYWORDS: Care Labor; Emotions; Sexual Division of Labor; Emotional Maintenance.

23 Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

24 Cientista Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Nalu Faria.

1. Introdução

É notório que o trabalho de cuidado e da emoção são protagonizados pelas mulheres e que nas sociedades capitalistas não é percebido como um “trabalho”, essas práticas permanecem associadas à esfera privada, familiar e doméstica. Foi do contexto industrial que o marxismo cunhou o significado do trabalho, como atividade voltada para venda de força que tem valor de troca, mas também apresentou reflexões sobre a reprodução social, o trabalho com valor de uso, distante de circuitos mercantis.

Partindo de revisão bibliográfica, o artigo que ora vem a público apresenta discussão sobre o trabalho de cuidados e em particular o das emoções partindo das ciências sociais brasileiras e da economia feminista com o propósito de alargar a reflexão sobre o trabalho para além dos ideais industriais e produtivistas, mas sem perder de vista a compreensão do trabalho do cuidado como parte do processo produtivo e reprodutivo do sistema no qual vivemos.

Cristina Carrasco (1993) em artigo intitulado, “A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução”, apresenta reflexões sobre o trabalho de reprodução do sistema capitalista e a necessidade de se renovar e continuar acumulando mesmo em meio a crises diversas. A autora se utiliza dos conceitos da economia feminista para desenvolver uma nova forma de explicar os “trabalhos” invisibilizados a partir da noção da sustentabilidade da vida em que o trabalho do cuidado e o doméstico integra um sistema cíclico que mantém as condições básicas para sobreviver, que permite a sustentabilidade de bens naturais, mas também das pessoas. A rede de dependências entre as pessoas e também com a natureza, e suas conexões com a reprodução do capitalismo: “A existência de uma sociedade depende das possibilidades que tenha de reproduzir sua população, os bens e serviços necessários para sua manutenção e os inputs necessários para reiniciar continuamente os processos de produção”. (Carrasco, 1993)

Apesar da consideração do processo reprodutivo em economistas clássicos como Karl Marx, a reprodução foi apenas considerada a partir da noção de valor de uso, distante portanto do valor de troca e do salário no modelo industrial capitalista, e não foi suficientemente analisada, a economia feminista buscou trazer novos aportes a essa reflexão, a necessidade da discussão das que ficam por “trás das cortinas”, as mulheres, que desempenham o papel de mãe, cozinheira, cuidadora da família e de mediadoras das emoções na família e fora dela.

A administração das emoções é uma consequência ou até mesmo um atributo para se performar o cuidado na sustentabilidade da vida, não apenas no ambiente doméstico, mas também no mercado de trabalho capitalista e em outros espaços como veremos mais à

frente. O cuidado necessita que exista gestão ou controle das emoções, e têm as mulheres como principais responsáveis, são essas conexões abordadas na literatura que iremos tratar neste artigo.

2.Divisão sexual do trabalho e relações de poder na sustentabilidade da vida

Em Kergoat (2009) podemos revisitar as análises da divisão de trabalhos baseada nas relações sociais de sexo, uma forma de divisão social do trabalho estruturada a partir de dois tipos de princípios: o da separação (em que alguns trabalhos são de mulheres e outros de homens) e o princípio de hierarquização (que existe ao assumir que trabalhos feitos por homens possuem maior valor que os trabalhos das mulheres). Uma aposta que pretende legitimar teorias essencialistas em que as relações dão lugar ao sexo biológico e “reduz as práticas sociais à ‘papéis sociais’ sexuados” (Kergoat, 2009). As economistas feministas indicam a divisão sexual do trabalho como resultado das relações sociais, e não naturais e também evidenciam as relações de poder existentes nessa forma divisão do trabalho,

Portanto, não mais que as outras formas de divisão do trabalho, a divisão sexual do trabalho não é um dado rígido e imutável. Se seus princípios organizadores permanecem os mesmos, suas modalidades (...) variam fortemente no tempo e no espaço. (Kergoat, 2009)

Daniele Kergoat e Helena Hirata (2007), conseguem demonstrar essa forma de divisão em meio ao sistema cíclico antes mencionado, que necessita de trabalho produtivo e reprodutivo para sobreviver. De acordo com as autoras e outras estudiosas, o reprodutivo acaba se tornando responsabilidade feminina, enquanto os homens mantêm o espaço da produção como lugar privilegiado e em forte conexão com processos de socialização em distintos espaços sociais

A socialização familiar, a educação escolar, a formação na empresa, esse conjunto de modalidades diferenciadas de socialização se combinam para a reprodução sempre renovada das relações sociais. (KergoatT; Hirata, 2007)

Abordam também como as relações de poder adentram no trabalho não remunerado e reprodutivo desempenhado pelas mulheres, incluindo o trabalho do cuidado, e a gestão do outro e de suas próprias emoções, e como é atribuído às mulheres. É o que verificaremos nas próximas sessões.

A partir da ideia da sustentabilidade da vida de Cristina Carrasco reforça o entendimento do trabalho reprodutivo, incluindo o de cuidado é invadido por relações de poder, uma ordem de gênero, econômica e ambiental. Questões que são interdependentes e cíclicas assim como o sistema no qual existem.

Um sistema depredador que não está preocupado com as condições de vida das pessoas, que na ânsia por lucro, está colocando em perigo o planeta e as condições ambientais de vida, que mantêm condições de trabalho inaceitáveis a uma parte relevante dos /as trabalhadores/as e que se aproveita do trabalho de cuidado das mulheres para dispor de força de trabalho a custos muito abaixo do real. (Carrasco, 1993)

A autora coloca em primeiro lugar da cadeia reprodutiva e da sustentabilidade da vida, os recursos naturais, em segundo o cuidado, essencial da vida humana, em terceiro a comunidade, em quarto os Estados e seus sistemas de leis e normas, e por último a produção capitalista. São elos interligados e que demonstram dependência e espoliação entre eles. Apesar de relações de afeto e doação “por outra parte, os elos estão atravessados por distintas relações de desigualdade: capitalistas, heteropatriarcais, de raça e etnia, neocoloniais, que atravessam toda a cadeia” (Carrasco, 1993).

A percepção interconectada e sistemática do capitalismo e da vida humana é necessária para entendermos a gestão das emoções e do cuidado e e as como estão atravessadas por relações de poder. A sustentabilidade da vida surge como conceito importante para direcionar e visibilizar essas condições desiguais que permeiam o sistema como um todo. Autoras como Carrasco, Hirata e Kergoat descontroem pretensas separações entre produção e reprodução antes afirmadas pela economia neoclássica e conectam a economia e a ecologia e a outras ciências.

O trabalho emocional e sua gestão

No entendimento da sociologia da emoção de Arlie Hochschild (1989), há mais um tipo de trabalho presente no sistema capitalista e de todos eles extrai valor e benefício, dentre eles o emocional que tem as mulheres como principal sujeito, tal como a administração das emoções pelo indivíduo feminino em espaços públicos. Para a autora a criação de sentimentos, traz consigo um fator de perda de autenticidade no capitalismo e necessita cada vez mais administrar as emoções puras.

Na visão da autora, os sentimentos não estão guardados dentro das pessoas, como na abordagem organicista, mas a administração das emoções pode contribuir para a própria criação de sentimentos, de acordo com o olhar interacionista. (Bonelli, 2003)

Partindo de pesquisas com aeromoças e pessoas de cobrança de transporte aéreo, Arlie Hochschild (1989) em seu livro “The Managed Heart”, afirma que fatores de classe permanecem dentro da construção de emoções que são administradas, e que quão mais alta a classe, em maior proporção a administração de emoções ocorrerá e que partindo da divisão sexual de trabalho, a mulher é a maior administradora dessas emoções. Apesar do homem também ter um certo trabalho emocional a fazer, a mulher é a que mais faz em prol de sua sobrevivência e em diferentes espaços de emoções. Pela falta de poder e status, e que a mulher acaba administrando seu meio emocional para conquistá-los, por meio do casamento, etc. Partindo das aeromoças estudadas, afirma que as mulheres estão mais vulneráveis às externalidades de emoções alheias, recebendo uma carga maior que a interna. Uma espécie de manipulação de seus sentimentos para que se adequem às situações e confirmem seu lugar de subordinação.

Yet women are also thought to command “feminine wiles”, to have the capacity to premeditate a sigh, an outburst of tears, or a flight of joy. In general, they are thought to manage expression and feeling not only better but more often than men do. (Hochschild, 1989)

Essa realidade levaria à uma espécie de institucionalização das emoções e perda de autenticidade, aquela emoção que se pode ver e se esconde, aquelas que não podem ser vistas ou que não condizem com o espaço ou status que se alcança.

Apesar da autora identificar o uso comercial e capitalizado do trabalho emocional, muito desse trabalho também pode ser encontrado cotidianamente no dia a dia das famílias em que mulheres como mães, esposas e donas de casa também exercem esse lugar.

A administração de seus sentimentos e também do sentimento alheio recai nas mãos das mulheres. É esse tipo de “trabalho” que pretendemos analisar. Um trabalho que ocorre tanto no espaço privado quanto no público.

O trabalho das emoções feito principalmente pela mulher para lidar com a dupla jornada, e o custo emocional que ele representa tanto na negação do problema quanto nas separações conjugais que causam, tornam-se uma terceira jornada de trabalho na vida cotidiana. (Bonelli, 2003)

A emoção se encontra firmemente conectada ao feminino (Lutz, 2023) e como afirma Catherine Lutz (2023) a partir de estudos na América do Norte, as emoções não são naturais, são influências pela cultura, e a emoção não é “uma natureza livre e glorificada contra uma civilização opressora” vinculada ao feminino.

O controle ou gestão emocional, presente nos estudos de Hochschild (1989), novamente reaparece na “generificação” - como chama a autora - da emoção (Lutz, 2023), a partir da figura da “mulher emocional”.

Embora tanto as mulheres quanto os homens recorram a um modelo culturalmente disponível de emoção como sendo algo que precisa de controle, eles podem ser vistos frequentemente fazendo diferentes tipos de sentido e reivindicações a partir desse modelo. (Lutz, 2023)

Por meio de entrevistas a grupos de mulheres e homens brancos, a autora descreve o que chama de “retórica do controle emocional”, também abordada por Michelle Rosaldo (1984). Partindo dos resultados das pesquisas Lutz (2003) afirma que muitas pessoas entrevistadas mencionam as mulheres são mais emocionais que os homens.

Quando as pessoas são solicitadas a falar sobre emoções, um dos conjuntos mais comuns de metáforas usadas é aquele em que alguém ou algo controla, lida, enfrenta, negocia, disciplina ou gerencia suas emoções ou a situação vista como sendo criadora da emoção. (Lutz, 2023, p.31)

Ao adentrar na questão do controle, Lutz (2023) consegue trazer a perspectiva Foucaultiana de que a sexualidade precisa ser controlada, nesse caso, também a emoção precisa de controle no ocidente e afirma que ambas são dominadas por um controle biomédico dos impulsos naturais e universais, que decide o que é “saudável” e “não saudável”. Durante as entrevistas, a autora se deparou com a reprodução do uso da palavra controle das emoções mais vezes pelas mulheres do que pelos homens. Lutz (2023), lista três dimensões presentes nessas narrativas:

(1) reproduzir uma parte importante da visão cultural da emoção (e implicitamente das mulheres como o gênero mais emotivo) como irracional, fraca e perigosa; (2) elevar minimamente o status social da pessoa que afirma a necessidade ou capacidade de autocontrolar as emoções; e (3) opor-se à visão do self feminino como perigoso quando o falante nega a necessidade ou a possibilidade de controle da emoção. (Lutz, 2023, p.34)

Essa retórica, também carrega a função de definir papéis sociais, criando a dicotomia do mais fraco e do mais forte característicos das relações de gênero. Apoiando-se em Rosaldo (1984) que afirma que “as sociedades hierárquicas parecem evidenciar uma preocupação maior do que as mais igualitárias com a forma como a sociedade controla o self emocional interior”, Lutz (2023) defende a ideia da existência de um self bifurcado, uma forma hierarquizada em que um lado controla o outro e que leva a considerar a existência de uma espécie de “política mental”.

Podemos então concluir que o trabalho emocional pode ser entendido como uma atividade atravessada pela cultura, construídas socialmente, a partir das interações sociais, que o trabalho de gestão emocional está atravessado pelas relações de gênero e constantemente está presente quando performado. Apesar de percebido natural e universal, assim como a sexualidade, o trabalho de cuidado assume contornos distintos em tempos e contextos

sociais específicos como poderemos perceber mais a seguir.

3. O trabalho de cuidado historicamente construído

Em sua tese, “A jornada interminável: A experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais”, a autora Karolyna Marin Herrera (2019) inicia um debate sobre o trabalho de cuidados com foco no cotidiano familiar em contextos rurais.

O debate crítico em torno do trabalho reprodutivo e suas implicações para as mulheres contribuiu, adicionalmente, para revelar que o conceito de trabalho doméstico e a discussão acerca da divisão sexual do trabalho eram insuficientes para abarcar a complexidade da problemática em torno das atividades realizadas pelas mulheres no âmbito familiar cotidiano, pois, dentre as tarefas realizadas na esfera da reprodução encontram-se, também, a provisão dos ditos serviços de cuidados (care) (Herrera, 2019, p.61)

Ao abordar a teoria de Gilligan sobre a moral do trabalho de cuidados, Herrera (2019) adentra no debate sobre a natureza e construção deste trabalho. Gilligan (1982), em sua obra, *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, defende a ideia da existência de uma moral distinta entre meninos e meninas durante o desenvolvimento psicológicos e suas relações com o cuidado. O cuidado é compreendido pela autora como um traço inerente à moral feminina, sendo natural e universal das mulheres.

Para a autora, há uma relação de dependência entre os seres humanos e a preservação dessas relações constitui um jogo moral (fundado sobre a experiência íntima, singular e irredutível, dos sentimentos e do concreto relacional), tão importante quanto o da justiça (que se baseia em princípios racionais, abstratos e universais) (Herrera, 2019, p.62)

Assim, como as emoções, o cuidado passa a ser analisado a partir das condições em que passou a existir. Na ideia de Gilligan (1982), essa ação é natural do feminino e deveria ser utilizado como novo paradigma moral da psicologia social. Essa compreensão despertou visões críticas como a de Joan Tronto (2007), que buscou desconstruir essa noção universalista e essencialista, da moral do cuidado. Em sua obra, “Assistência democrática e democracias assistenciais”, a autora ponderou a existência de limites na teoria da moral psicologicamente.

Tronto argumenta que a atribuição específica das mulheres ao trabalho de cuidados resultou na circunscrição das mesmas em um determinado espaço ou comportamento, geralmente destituído de poder político. Criticou igualmente o modelo moral defendido por Gilligan por se adaptar apenas às mulheres de classe média e brancas, excluindo as mulheres de diferentes raças, classes e orientações sexuais, tais como as mulheres negras, imigrantes, proletárias, lésbicas, etc. (Herrera, 2019)

Tronto (2007) também busca revelar envolvimento emocional durante atividades voltadas para o cuidado, sendo muitas vezes chamado por sociólogos e sociólogas como o “trabalho do amor” ao outro, noção que cristaliza o cuidado, além de desconsiderar que também existe o cuidado de si ou até mesmo o mau cuidado, e junto com sua parceira Berenice Fisher alarga a noção de cuidados ao definí-la como:

[...] uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável. (Fisher; Tronto, 1990).

Ao sugerir a ética do cuidado, a autora defende uma abordagem moral, pessoal, social e política a partir da ideia de sustentabilidade, em que todos os seres humanos precisam cuidar e serem cuidados, ou seja que somos seres interdependentes. Mas que nem sempre essas responsabilidades estão bem estabelecidas e podem gerar sobrecarga para as mulheres. Tronto (2007) afirma que todos os seres humanos precisam de redes de cuidados, mas historicamente a sociedade inscreve nos corpos femininos essa responsabilidade, mas a natureza do cuidar é inexistente e resulta de uma construção social e cultural.

Considerações finais

Como pôde ser observado nas entrelinhas e nas linhas da literatura acadêmica aqui considerada, o cuidado é, e sempre foi um trabalho que envolve a emoção e foi desenvolvido por mulheres especialmente em espaços privados mas não apenas nele. Para cuidar é preciso “querer” cuidar, é preciso desenvolver algum tipo de emoção e envolvimento com a situação na qual se encontra, mesmo que seja uma emoção de desgosto, como afirmado por Tronto (2003) em suas pesquisas.

A gestão emocional ou o controle emocional é outra parte do trabalho de ser mulher em uma sociedade patriarcal, outra parte de um cuidado com o entendimento do outro e de si própria. A responsabilidade é explicitamente e historicamente inscrita no corpo das mulheres, o que faz com que gestione não só suas próprias emoções frente ao sistema e seus indivíduos, como também as emoções desses outros, buscando mediá-las, apaziguá-las ou até mesmo tomá-las para si.

A conexão entre o emocional e o cuidado sempre esteve presente e sempre estará. A desvalorização dessa atividade, desse trabalho, é o que faz com que seja unilateral, e um esforço apenas feminino.

A ideia de sustentabilidade da vida nos demonstra essa necessidade humana de

interdependência e vai para além do cuidado humano, e se estende aos cuidados com a natureza.

Temos a intenção de alargar as possibilidades de pesquisa relacionadas às emoções, possibilitar a quebra de paradigmas ocidentais e produtivistas presentes na economia neoclássica sobre a reprodução e o lugar das mulheres na manutenção do sistema capitalista e da vida humana e não humana.

As ciências sociais continuam a ser desafiadas para desenvolver no meio acadêmico a pensar de maneira mais complexa a sociedade, criando esperança para pesquisadores “nativos”, e para o “outro” (Abu-Lughod, 2018). A antropologia da emoção também interessada na complexidade humana e da sociedade também está desafiada a construir novas categorias de análise nos estudos sociais para temas complexos permeados por relações sociais e interpessoais, necessita de novas abordagens para temas significativos e simbólicos que envolvem o feminino e o cognitivo, ainda pouco explorados nas pesquisas atuais e o trabalho como uma espécie de mediador de temas ainda poucos estudados, é também objeto de transformação para atender “novas” demandas socioculturais que se encontravam invisíveis.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do; DURAZZO, Leandro. A Escrita contra a cultura. *Equatorial - Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 5, n. 8, p. 193-226, 23 nov. 2018.

BONELLI, Maria da Glória. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu* (21) 2003: pp.357-372.

GILLIGAN, Carol. *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University, 1982. 184 p.

HERRERA, Karolyna Marin. *A Jornada Interminável: A experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais*. Cap. 2: O trabalho no cotidiano familiar. Tese Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis, 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*.

Tradução Fátima Murad. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez., 2007. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>>

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The managed heart: commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California, 1983. 327 p.

LUTZ, Catherine. “Emoções generificadas: gênero, poder e a retórica do controle emocional no discurso norte-americano”. in: Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (orgs). *Emoções, gênero e poder*. Recife, Ed. Seriguêla, 2023.

NELSON, M. (Ed.). *Circles of care*. Albany, NY, SUNY Press, 1990, p. 36-54

TRONTO, Joan C. Assistência democrática e democracias assistenciais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/se/v22n2/03.pdf>>>.

TRONTO, Joan C.; FISHER, Berenice. Toward a feminist theory of caring. In: ABEL, E.;